

O PROFESSOR DE ANATOMIA

Manoel Jaime Xavier Filho

Acadêmico titular da APMED - Cadeira 26

O pavilhão de anatomia despertava no alunado uma sensação de estranheza e atração. Amplo, de formato retangular e pé direito alto, era bem iluminado e em seu interior imperava um silêncio respeitoso. Mesmo sem uma recomendação expressa, ninguém ousava falar em voz alta. É que imperavam no ambiente significados, impressões simbólicas e enigmas. Culminando tudo, ali, a morte se fazia presente. O tom pastel presente em suas paredes emprestava uma mensagem de discrição e neutralidade.

Dispostas em duas fileiras e aos pares, dez eram as mesas para a prática de dissecação, havia ainda tanques contendo formol nos quais eram conservados cadáveres humanos e partes desmembradas dos seus corpos. Mantidos em prateleiras, depósitos grandes de vidro transparente, também com formol, guardavam órgãos diversos do corpo humano, embriões e fetos reservados ao estudo específico. Em um lugar apropriado, um amontoado de ossos destinados ao respectivo estudo de osteologia. A um canto, um esqueleto montado, pendurado em uma estrutura de madeira lembrando um cadafalso. Pela análise dos ossos da bacia, pertencera a uma mulher, segundo o professor.

Logo à entrada do pavilhão, fixadas na parede, reproduções das figuras de Galeno e Vesálio, os dois maiores representantes da história da anatomia.

As aulas expositivas e as práticas em particular sempre despertavam no alunado muito interesse e curiosidade. Os corpos chegavam ao pavilhão, porque quando da morte não eram reclamados por seus familiares. Teriam sido moradores de ruas, mentecaptos abandonados, indigentes ou, num sentido mais amplo, completamente excluídos do sistema socioeconômico vigente. Um convênio entre o estado e a faculdade de medicina disciplinava o encaminhamento dos corpos para o ensino prático de anatomia. Se em vida lhes faltaram a essencialidade e um mínimo

de decência, ali estavam para contribuir com o ensino médico e o progresso da ciência.

Mortos e formolizados, viabilizavam as aulas de dissecação e, de alguma maneira, pareciam revelar, ou denunciar, as desventuras com as quais conviveram enquanto duraram suas existências.

A mesa de número cinco, a título de lembrança, recebia o cadáver de homem de meia idade, braços e pernas afinados, musculatura apoucada. A cavidade abdominal aberta exibia o baço crescido, as veias do sistema porta alargadas e o fígado atrófico contendo micronódulos. O professor deteve-se nos detalhes anatômicos e foi além, ao afirmar que as evidências apontavam para um fígado cirrótico que em vida tinha sido consumido pelo abuso do álcool, enfatizando: “conviveu com o alcoolismo, e é pertinente deduzir, refugiou-se na bebida para poder conviver com as agruras insuportáveis do seu existir”. Calou fundo entre os alunos essa reflexão do professor.

Na mesa de número três, o corpo de uma mulher franzina e de altura, a rigidez cadavérica preservou-lhe a boca semiaberta com os incisivos faltosos. No ápice do pulmão esquerdo, a presença de uma grande escavação, apontada pelo estilete do professor, inferia o registro de uma tuberculose avançada pregressa com a qual a vítima teve que lidar. Ocorreram-lhe hemoptises com dificuldade respiratória e a experiência de uma angústia indescritível que, no linguajar popular, se traduz como agonia da morte, e não há expressão mais verdadeira. Assim, cada cadáver parecia contar sua história trágica a partir de estigmas presentes em seus corpos. Os estudantes não continham o embevecimento diante das deduções plausíveis do docente sensível. Tudo isso voltava a ser comentado quando juntos, no final de semana, tomavam chope na Casa dos Frios, ocasião para o conagraçamento e sociabilidade.

O professor titular, prestes a se aposentar, ao contrário dos seus assistentes, era um homem de aparência sóbria, talvez austera, cerimonioso, mas sem prejuízo da cordialidade. O sorriso, quando existente, era apenas esboçado. Por todos, era reverenciado em função do seu conhecimento verdadeiramente enciclopédico na área da anatomia. Ao que se dizia, o corpo do ser humano não mais lhe reservava surpresas. Já se somavam mais de quatro décadas de estudo consagrado à anatomia,

de maneira sistemática, com uma frequência diária, ou quase. De fato, pela matéria era um obcecado. Lembrar que, como acadêmico, fora monitor da disciplina.

Em seu gabinete, sobre o birô, como se fosse um troféu muito especial, encontrava-se uma estrutura anatômica pacientemente por ele dissecada, formada pelos ossículos do aparelho auditivo – martelo, bigorna e estribo, dispostos espacialmente. O tímpano, a cóclea e o nervo auditivo ficavam por conta da imaginação do observador. No depoimento de um dos assistentes, não era incomum surpreendê-lo contemplando o pequeno arranjo, numa atitude reflexiva e de aparente admiração; tal postura nunca ao certo, ficou completamente decifrada. Os que o conheciam de perto, e eram poucos, formulavam duas hipóteses: a primeira repousava no fato da existência de casos de surdez na família do seu pai e possivelmente ele temesse perder a própria audição, sabedor que as doenças resultam da miscibilidade entre a suscetibilidade genética herdada e influências ambientais; a segunda suposição residiria no fato de ele ser um grande admirador de Beethoven e sua obra. De longa data, ficara impactado quando leu a carta, hoje intitulada o “Testamento de *Heilingenstadt*”, escrita pelo genial compositor, endereçada aos irmãos, na qual o autor da “Nona Sinfonia” relata o drama existencial pessoal quase insuportável devido à perda da audição, admitindo inclusive a ideia de suicidar-se, para encerrar tanto sofrimento, felizmente não concretizada. Não teve a oportunidade de conhecer Bonn, onde nasceu seu ídolo, mas visitou a “Casa Museu” em Viena, onde morou o compositor surdo, uma das suas emoções mais intensas, como confessou em uma ocasião.

Segundo a esposa, desde sempre, ele tem o hábito de, nos finais de semana à noite, no seu quarto de estudo, ouvir os clássicos, em especial Beethoven.

No momento, está lendo o livro “Beethoven: *As Muitas Faces de um Gênio*”. E, a julgar pelos trechos repetidamente assinalados pelo marcador de texto com anotações adicionais, vem gostando muito.

A esta altura, por pertinente, veio-me à mente uma cena imaginada, passível de ocorrer no futuro, quando o professor anatomista não mais existir: antevejo e desejo, esteja essa sua delicada e minúscula peça ligada à audição, integrando o acervo do museu de medicina da cidade, com um breve comentário gravado em uma plaqueta metálica, a respeito das circunstâncias que a originaram, para que as

gerações vindouras possam compreender a importância da beleza contida nas experiências vivenciadas e construídas com dedicação, competência e paixão, no presente caso, envolvendo anatomia e música.

Chego a fantasiar e conceber um hipotético visitante do museu, por que não um jovem estudante do curso de música da universidade, acompanhado da namorada, contemplando e apreciando os três ossinhos. O casal, sentindo-se maravilhado, e com o celular, ou seu substituto à época, fotografando o dispositivo anatômico no melhor dos ângulos.

Referência:

GALINDO, João Maurício. ROLLAND, Romain. **Beethoven**: as muitas faces e um gênio. Editora Contexto: São Paulo, 2019.